

TANIA CARVALHAL, A CRÍTICA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA NOS SÉCULOS XX E XXI

TANIA CARVALHAL, LA CRÍTICA DE LA LITERATURA LATINOAMERICANA EN LOS SIGLOS XX Y XXI

Andrea Cristiane Kahmann¹
Andrei Cunha²

RESUMO: Este trabalho se dedica a apresentar subsídios para um relato histórico-crítico sobre a contribuição de Tania Franco Carvalhal (1943-2006) para a construção de uma crítica literária genuinamente latino-americana. Seguindo esse desafio, apresentamos brevemente sua trajetória como uma das primeiras mulheres brasileiras a ser docente universitária de pós-graduação e pesquisadora, bem como sua atuação para a construção de associações nacionais de Literatura Comparada, com destaque para seu papel na criação e desenvolvimento da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Buscamos também apresentar elementos que possibilitem melhor compreender as contribuições teórico-críticas de Carvalhal ao campo dos estudos literários. Para isso, dialogamos com os estudos de Coutinho (2006), Rebello (2007) e Pedroso Júnior (2016), acrescentando a eles perspectivas contemporâneas, depoimentos recentes ao projeto *Memória da ABRALIC* (2020) e informações compiladas por meio de consultas a periódicos acessíveis digitalmente. Ao fim, sugerimos encaminhamentos futuros para os temas propostos.

Palavras-chave: Tania Carvalhal; literatura comparada; crítica literária latino-americana.

RESUMEN: En este trabajo presentamos elementos para un relato histórico-crítico sobre la contribución de Tania Franco Carvalhal (1943-2006) a la construcción de una crítica literaria genuinamente latinoamericana. Con ese desafío, presentamos brevemente su trayectoria como una de las primeras mujeres brasileñas en ser docente universitaria en el nivel de posgrado e investigadora y asimismo su actuación en la fundación de asociaciones nacionales de Literatura Comparada, sobre todo la Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Luego buscamos presentar las contribuciones teórico-críticas de Carvalhal al campo literario. Para ello,

¹ Mestre e Doutora em Letras (Literatura Comparada/Estudos de Tradução) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora do Curso de Bacharelado em Letras Tradução Espanhol/Português e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas-UFPel.

² Vice-presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), gestão 2020-2021. Tradutor literário de japonês, com traduções publicadas de Tanizaki Jun'ichirô, Ogawa Yôko, Nagai Kafû, Inoue Yasushi, Masaoka Shiki e de poetas da Antiguidade e da Idade Média japonesa. Professor de Língua, Cultura e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Possui Mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Hitotsubashi (Tóquio, Japão) e graduação em Direito japonês pela mesma universidade. Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores (AGES) e prêmio Açorianos de Literatura por *Cem poemas de cem poetas: a mais querida antologia poética do Japão* (categoria especial, 2020).

dialogamos con los estudios de Coutinho (2006), Rebello (2007) y Pedroso Júnior (2016), agregándoles visiones contemporáneas, testimonios recientes del proyecto *Memoria da ABRALIC* (2020) e informaciones recogidas en periódicos disponibles para consultas en soporte digital. Al final, sugerimos despliegues futuros para los temas propuestos en este trabajo

Palabras clave: Tania Carvalhal; literatura comparada; crítica literaria latinoamericana.

Este trabalho apresenta as contribuições de Tania Franco Carvalhal para a consolidação de uma crítica literária que reivindica seu caráter de crítica latino-americana. Para isso, partimos do pressuposto de que crítica se faz de livros, mas não só. Crítica é também docência, *performance*, discursos, construções de vínculos, de associações, de eventos, enfim, de democratização de debates. Por essa razão, organizamos este artigo em três pontos. No primeiro, recuperamos brevemente a trajetória de Carvalhal como representante da primeira geração de mulheres brasileiras de carreira na universidade. No segundo, enfocamos sua atuação como promotora da literatura comparada no Brasil e articuladora de associações e eventos, assim como seu legado para a construção de uma crítica literária latino-americana. Por fim, abarcamos seus livros, ensaios e escritos, apontando para o seu papel na consolidação e disseminação da crítica e da literatura da América Latina. Com este trabalho, buscamos, pois, dar continuidade às pesquisas de Eduardo de Faria Coutinho (2006) e Lúcia Sá Rebello (2007), que abordam a vertente ensaísta de Tania Carvalhal, assim como à de Neurivaldo Campos Pedroso Júnior (2016), que agrega o estudo dos discursos proferidos por Tania Carvalhal nos eventos das associações em que assumiu posições de liderança. Nossa contribuição é atualizar algumas interpretações, sobretudo em face de depoimentos recentemente coletados pela ABRALIC (2020) na construção da “Memória” da Associação. Ademais, colacionamos algumas informações obtidas por meio de pesquisas ao acervo do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre, bem como periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. As considerações finais sugerem pesquisas futuras, ainda necessárias para a recuperação do denso trabalho teórico de Tania Carvalhal.

1 Uma mulher de carreira na universidade

Tania Maria Franco Carvalhal (Rio Grande, RS, 27 de outubro de 1943 - Porto Alegre, RS, 10 de setembro 2006) ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1961. Em 1969, concluiu pós-graduação em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e, em 1971, especializou-se em Literatura Francesa e em Teoria Literária em Paris, onde teve a oportunidade de assistir a um curso com Roland Barthes e de trabalhar com Jean-Claude Chevalier e George Raillard, entre outros (COUTINHO, 2006). Em 1973, foi admitida para a primeira turma do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação de Guilhermino César (BERG, 1979). Foi também a primeira a concluí-lo, em 1975, tornando-se, conseqüentemente, “a primeira pessoa a defender tese [sic] de mestrado em Letras no Rio Grande do Sul”, como destacou Evelyn Berg (1979), em matéria para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. O doutoramento em Letras-Teoria Literária foi concluído em 1981, na Universidade de São Paulo, sob orientação de Davi Arrigucci Júnior. Em 1993, Tania Carvalhal realizaria pós-doutoramento na Sorbonne (Paris IV). Lecionaria ali e também em Bloomington, em Indiana (EUA), na Universidade de Victoria (Canadá), nas Universidades de Córdoba e de

Salta (Argentina), na Universidade de Barcelona (Espanha) e na Universidade de São Paulo (COUTINHO, 2006). Segundo consta em seu currículo Lattes, ela também lecionou na Universidade Federal do Acre e na Universidade Federal do Ceará. Porém, foi na sua *alma mater*, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde galgou carreira em cargos administrativos e no ensino de graduação e de pós-graduação, tornando-se professora emérita em 2005. Foi orientadora de Lúcia Sá Rebello, Luis Augusto Fischer, João Manuel dos Santos Cunha, Ubiratan Paiva de Oliveira, Maria Luiza Berwanger da Silva e Lea Masina, além de muitos outros nomes hoje consagrados do ensino e da crítica de literatura.

Como diretora do Instituto Estadual do Livro, em Porto Alegre, “publicou um número expressivo de edições críticas das obras de autores locais, com sólidas notas introdutórias e estudos críticos que hoje constituem itens indispensáveis em suas bibliografias passivas” (COUTINHO, 2006, p. 121). Sob sua gestão, foi lançada a revista *Continente Sul/Sur*, que visava a suprir a carência “de espaços para a difusão de ficção, poesia, ensaios, material iconográfico e artigos culturais –não necessariamente literários– produzidos no Estado” (DINIZ, 1996, s/p). Também receberam impulso as coleções *Novos autores* e *Autores gaúchos*, com livros individuais para personalidades de ficção e de não ficção. Por sua dedicação à produção literária e seu trabalho paciente de pesquisa, seleção e organização de materiais, Tania Carvalhal tornou-se uma espécie de celebridade local, a “grande dama” da literatura, reconhecida para além dos muros acadêmicos. Era frequentemente convidada a integrar comissões julgadoras, a conceder entrevistas, a indicar leituras, a brindar análises, a organizar eventos, livros e críticas e inclusive a transmitir conselhos– sobretudo, a outras mulheres.

Ainda enquanto ela se doutorava na USP, o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, publicaria no caderno *ZH Feminina* “Tania Carvalhal: uma mulher de carreira na Universidade”, matéria seguida de entrevista, em que ela seria apresentada como “uma professora bonita, elegante, esposa de médico, mãe de dois meninos” (BERG, 1979). A doutoranda Tania Carvalhal, que já havia morado na França para estudar, destacava-se como mulher avançada demais para aquele Brasil que, por força da lei, ainda considerava como relativamente incapazes “as mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal” (art. 6º, II, do Código Civil de 1916 –essa regra só viria a ser invalidada com a Constituição de 1988). Na entrevista de 1979, Tania Carvalhal tecia comentários sobre literatura, mas também teve de responder a perguntas sobre como conciliar família e trabalho. Nesse contexto, respondeu que “ter uma atividade profissional não significa que a mãe se afaste dos filhos, porque o afastamento no espaço e no tempo não significa um afastamento afetivo” (BERG, 1979). Afirmou também que o trabalho feminino deveria ser reconhecido e bem remunerado, pois era necessário romper com a visão de que “a profissão para a mulher é apenas um *hobby*, uma atividade de diletantismo” (BERG, 1979). Na entrevista publicada na página central, que dividia espaço com dicas de decoração para a sala de estar, Tania Carvalhal ainda disse que, para ela, não era casual que, sendo mulher, tivesse sido a primeira de sua turma de mestrado a concluir a dissertação. Afinal, sendo mulher, mãe e precisando lidar com muitas atividades concomitantes, “quando eu me lanço nas atividades, lanço-me com toda a garra, com uma meta e um objetivo bem estabelecidos. E eu não me permito perder muito tempo” (BERG, 1979). Ela representava uma virada que foi teórica, mas também de costumes.

A universidade daqueles tempos era domínio de homens. A professora Rita Schmidt, colega de Carvalhal em muitas empreitadas acadêmicas, recordaria, em entrevista a Priscila Pasko (2015): “Até então, na área de Letras, a carreira sempre havia sido dominada pelos homens. Eu fiz minha graduação na UFRGS, entrei em 1971 e saí em 1974. Meus professores de literatura foram todos homens”. Justamente em 1974 Tania Carvalhal seria aprovada em

concurso público para assumir a disciplina de Teoria Literária na UFRGS e passaria a compor a primeira constelação de acadêmicas brasileiras. A literatura comparada abria novas metodologias literárias, ou “epistemologias literárias”, como afirma Lea Masina (ABRALIC, 2020, s/p), e Tania Carvalhal abria caminhos, servia de modelo para outras mulheres, acolhia e aconselhava as colegas mais jovens, como recorda Masina, que foi sua orientanda.

Firmando-se na Literatura Comparada, que emergia como disciplina renovada de suas bases eurocêntricas e trazia à pesquisa acadêmica as transformações geopolíticas, sociais e culturais que tensionaram o último quartil do século XX, Tania Carvalhal propôs novos rumos à pesquisa por meio de redes de articulações sistêmicas e intertextuais, que superavam biografias e mesmo nacionalidades, coletivizando a literatura (CARVALHAL, 2003, pp. 14-20). Ademais, Tania Carvalhal encabeçou a missão de fundar e dirigir associações para a congregação de docentes e demais pessoas dedicadas à pesquisa e, assim, promover o constante intercâmbio cultural que transformou o cenário da pesquisa acadêmica no Brasil, como apresentamos no ponto a seguir.

2 A grande dama da literatura comparada

Em 2006, em homenagem póstuma à orientadora, colega e amiga, Maria Luiza Berwanger da Silva afirmaria ser, então, ainda muito cedo para que se pudesse “contemplar, celebrando, a produção da *grande dame* da Literatura Comparada” (SILVA, 2006, p. 7). Mesmo em 2022, talvez ainda seja cedo para avaliar a real dimensão de sua presença intelectual –o que não impede a tentativa. A alcunha de “grande dama” justifica-se pela atuação incansável de Tania Carvalhal frente às Associações Brasileira e Internacional de Literatura Comparada e pelo apoio a outras associações nacionais na América Latina, o que inclusive motivou a criação de um prêmio que leva seu nome, conferido bianualmente a pesquisadoras/es com contribuição de destaque para o campo da Literatura Comparada.

Em 1985, em Paris, durante o XI Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA), realizado na Sorbonne Nouvelle, uma Associação Brasileira de Literatura Comparada surge como ideia. Segundo Eduardo Coutinho, foi em meio aos intensos debates do evento em Paris que “Tania propôs-me de súbito: por que não fundamos uma associação nacional de Literatura Comparada, como as que temos visto aqui representadas, e a vinculamos à AILC/ICLA?” (2006, p. 122). Em 1986, fundou-se efetivamente a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), que teve Tania Carvalhal como primeira presidenta.

Para além de criar a associação que fez do “Brasil um ponto de referência obrigatório na cartografia comparatista” (CARVALHAL, 1996, p. 5), Tania Carvalhal dispôs-se a contar a sua história como se escrevesse não um artigo sobre uma associação de literatura, mas literatura efetivamente. Nesse sentido, a abordagem de Carvalhal é semelhante à discutida por Terry Eagleton (2006, p. 25), quando afirma que, até o século XVIII, o conceito de literatura não se limitava à ficção, mas abarcava o conjunto das “belas letras”, presentes em obras valorizadas pela sociedade, como os ensaios e as cartas. Tendo isso em mente, transcrevemos o parágrafo inicial do artigo “Dez anos da ABRALIC (1986-1996): elementos para a sua história”, um convite à leitura que não só atente às informações que brinda, mas à beleza de sua descrição:

No verão europeu de 1985, Paris sediava o XI Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada. As salas da antiga Sorbonne eram escassas para o expressivo número de participantes. Nelas circulavam comparatistas vindos de todos os lugares e era possível encontrar nos corredores Étiemble e René Wellek, Henry H. H. Remak e Eva Kushner, Ulrich Weisstein e Pierre Brunel entre figuras que constituem a própria história do comparatismo. Para os jovens comparatistas e, particularmente, para aqueles oriundos de países jovens como o Brasil, a participação no Congresso da AILC/ICLA significava integrar-se em um universo cosmopolita no qual se cruzavam diversas línguas e muitas orientações divergentes. Paris era a sede ideal para a evocação de todo o percurso de uma disciplina que ali mesmo começara, no início do século. Um bom lugar para (re)descobertas e grandes decisões. Afinal fora ali, na Place Clichy, umbigo do mundo, que Oswald de Andrade redescobriu o Brasil, conforme nos conta Paulo Prado no “Prefácio” à *Poesia Pau-Brasil*, de 1924. (CARVALHAL, 1996, pp. 1-2)

É interessante perceber que a maneira como o parágrafo de Tania descreve o surgimento de uma ideia do que viria posteriormente a ser a Associação Brasileira de Literatura Comparada dialoga com um texto de Pascale Casanova, *A república mundial das letras* (2006) [1999], em que a comparatista francesa apresenta a noção de que Paris seria como o “meridiano de Greenwich” da literatura, legitimando e reconhecendo textos das periferias como pertencentes a “universo cosmopolita no qual se cruzavam diversas línguas e muitas orientações divergentes”. A perspectiva de Carvalhal, no entanto, tem maior potência e menos passividade periférica do que seria de se imaginar, o que já se pressente quando ela menciona Oswald de Andrade e Paulo Prado (1972). Como defende David Damrosch, ao citar especificamente Tania Carvalhal:

Da mesma forma, se por um lado os estudiosos europeus muitas vezes viram a literatura mundial como um irradiar dos centros metropolitanos para destinatários provincianos relativamente passivos, vários estudiosos brasileiros contemporâneos estão indo além do paradigma da “Paris, capital cultural da América Latina”, enfatizando um processo de mão dupla que se funda tanto na heterogeneidade dinâmica do Brasil quanto na autoridade cultural da França. [...] Esse é o tema de um esclarecedor artigo de Tania Carvalhal, “Culturas e Contextos” (2001). Em sua equilibrada apresentação de uma troca de mão dupla, Carvalhal evita o triunfalismo implícito visto em uma obra como *La République mondiale des lettres* de Pascale Casanova, (1999) –um livro que faria mais jus ao título de *La République parisienne des lettres*. (DAMROSCH, 2003, p. 27)³

Armando Trevisan, em sua Homenagem a Tania Carvalhal, confidenciou ter conhecido a “Tania poeta clandestina” (2006, p. 7), que parecia se aliançar muito bem à Tania da “preocupação constante pela precisão das palavras”, conforme memória de Lúcia Sá Rebello

³ Nossa tradução. “Relatedly, whereas European scholars have often seen world literature as radiating outward from metropolitan centers toward relatively passive provincial recipients, a number of contemporary Brazilian scholars are moving beyond the paradigm of “Paris, cultural capital of Latin America” to emphasize a two-way process, one that is grounded as much in Brazil's dynamic heterogeneity as in French cultural authority. [...] This is the subject of an illuminating article by Tania Carvalhal, ‘Culturas e Contextos’ (2001). In her balanced presentation of a two-way exchange, Carvalhal avoids the implicit triumphalism seen in a work like Pascale Casanova’s *La République mondiale des lettres* (1999), which might better be titled *La République parisienne des lettres*.”

(2007, p. 51). Para muito além da intimidade de Tania Carvalhal com as belas palavras, a ABRALIC logo se converteria “na Associação de estudiosos de literatura numericamente mais expressiva no país” (CARVALHAL, 1996, p. 6). Enquanto escrevemos este artigo, a ABRALIC continua sendo a associação de literatura mais expressiva do Brasil, contando com 1.746 associações. É de se destacar, ademais, que o ato fundacional da ABRALIC ocorreu durante o “I Seminário Latino-americano de Literatura Comparada”, realizado em Porto Alegre, com a participação de comparatistas da Europa, mas sobretudo da América Latina (CARVALHAL, 1996, p. 2). Esse gesto talvez possa servir como uma metáfora da trajetória da própria associação que, não obstante formulada como ideia no verão parisiense, fez-se realidade longe dos centros, das hegemonias, em diálogo com a América Latina. A associação, assim como as teorizações comparatistas, apropriou-se dos referenciais europeus e os canibalizou, deglutiu e transformou em referenciais seus, próprios, descolonizados.

Em 1988, Tania Carvalhal presidiu o primeiro congresso da ABRALIC em Porto Alegre, com o tema “Intertextualidade e interdisciplinaridade”. Tratava-se de uma proposta bastante inovadora para a época, pois os pressupostos literários eram ainda permeados pelo conceito de influência, que “vinha muito atrelado à relação entre original e cópia, em que o original era sempre a obra europeia, dos países hegemônicos, e a cópia era sempre das literaturas latino-americanas”, como recorda Gilda Neves Bittencourt em seu depoimento ao canal *Memória da ABRALIC* (2020). Para esta professora, a literatura latino-americana “era naturalmente heterogênea, multicultural e híbrida, e isso causava estranhamento naqueles que se debruçavam sobre essas relações interliterárias” (ABRALIC, 2020). A interdisciplinaridade implicava natural abertura às ciências humanas e seus paradigmas mais afeitos à abordagem das identidades e culturas subalternizadas (ALÓS, 2012). E propor análises de relações intertextuais era, ao fim e ao cabo, trabalhar com os textos sem estabelecer julgamentos hierárquicos, rompendo-se, pois, com o construto das influências unidirecionais. Hoje, possivelmente, não cause estranhamento a análise literária que se elida aos localismos culturais e causalidades deterministas, europeizantes, masculinizantes. É preciso, porém, reconhecer que isso se deve ao acúmulo de todo um arcabouço referencial latino-americano, que é devido, em grande parte, à própria criação da ABRALIC. Seguindo as memórias de Gilda Neves Bittencourt:

Essa bibliografia passou a existir depois da ABRALIC, porque cada congresso, cada evento, cada encontro que a gente promovia, era acompanhado de publicações em anais, em revistas, em livros. E essas publicações serviam de base para novos estudos, para se criar um discurso crítico nitidamente sul-americano, ou latino-americano. (ABRALIC, 2020, s/p)

A ABRALIC e atuação decidida de Tania Carvalhal foram determinantes para que a literatura expandisse seu campo de atuação e empreendesse viradas metodológicas, como recordou Eneida Maria de Souza, em seu discurso de agradecimento pelo prêmio Tania Franco Carvalhal:

Tania tornou-se uma das mais significativas representantes deste legado, pela sua entrega total à defesa de nossos interesses e pelo incentivo constante ao crescimento dos intercâmbios, à defesa de uma visão mais aberta e interdisciplinar da Literatura Comparada, o que resultou no perfil que hoje a disciplina ostenta. Incansável na divulgação dos resultados dos trabalhos dos congressos e seminários, promoveu a publicação e a criação de meios eficazes

para a contribuição acadêmica, a criação de grupos de pesquisa, assim como o maior entrosamento entre estudiosos de línguas e literaturas estrangeiras. Com isso, a Literatura Comparada expandiu seu campo de atuação, impedindo que as pesquisas ficassem circunscritas a interesses nacionais e a uma só disciplina. Este legado ninguém poderá esquecer como sendo um dos grandes méritos da metodologia avançada e aberta inaugurada pela disciplina. (SOUZA, 2021, s/p)

O tempo histórico em que ocorre a fundação da ABRALIC também merece comentários. O primeiro Congresso da ABRALIC ocorria em junho de 1988, poucos meses antes da promulgação da Constituição Democrática, de 5 de outubro de 1988, que inovou ao estabelecer no parágrafo único do art. 4º, que “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”. O Mercosul e outros blocos transnacionais constituíam pautas pulsantes do período, mas, como lembrava Carvalhal (1998), eles eram o resultado da globalização econômica, e não de uma nova cartografia cultural aproximadora *Sur-Sul*. Apesar disso, o realinhamento do discurso já constituía um grande avanço, pois trouxe consigo a celebração da fronteira, que perdia o estatuto de limite para se transformar em ponte que facilita a travessia.

Se, naqueles tempos, as fronteiras nacionais já não barravam travessias, nem de capitais nem de narrativas, as divisões internas das nações impunham-se como novos limites. A mecanização do campo e a consequente concentração de terras havia promovido uma virada demográfica. No Brasil, no censo de 1950, a população classificada como urbana correspondia a cerca de 36% do total da população (SILVA; BARBOSA, 2006, p. 49); já em 1980, somente 32% da população brasileira residia em zona classificada como rural (IBGE, 2010). Contingentes populacionais significativos saíram forçadamente do campo para formarem as periferias das grandes cidades, coisa que impactou de golpe quase toda a América Latina. O êxodo rural redesenharia as cidades como conglomerados de guetos, miseráveis ou de luxo (GARCÍA CANCLINI, 2003, pp. 153-154). A segregação advinda da ilusão da segurança proporcionada por estar “entre iguais” tensionava os lugares em que as vidas eram vividas. Ao mesmo tempo, os espaços públicos se projetavam como cenários interculturais, com suas possibilidades de contatos e confrontos, alianças, passeatas, reivindicações, protestos (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 154). A academia já não se podia esquivar de observar as ruas; os estudos de literatura comparada foram paulatinamente assumindo a missão de refletir sobre os espaços e suas tensões, suas diferenças.

O segundo Congresso da ABRALIC, realizado em Belo Horizonte, entre 8 e 10 de agosto de 1990, teve como mote “Literatura e memória cultural”. Daí para diante, como a própria Tania Carvalhal (1996) descreveu em seu artigo comemorativo aos dez anos da associação, as temáticas iniciais progressivamente cederiam lugar às discussões tangenciando os espaços e seus conflitos; assim, adotou-se “Limites” como tema do terceiro Congresso, realizado de 10 a 12 de agosto de 1992 em Niterói. “Literatura e diferença” constituiu o mote do quarto Congresso, na Universidade de São Paulo, de 31 de julho a 3 de agosto de 1994; e “Cânones e contextos” foi a temática norteadora do quinto congresso, no Rio de Janeiro, entre 31 de julho e 3 de agosto de 1996. De fato, do primeiro decênio da ABRALIC, depreende-se que “contextualização tornou-se palavra de ordem nas pesquisas que envolviam o literário” (PEDROSO JR., 2016, p. 190). Já não era possível desconsiderar o lugar de onde se fala.

Esse movimento metodológico, retomando-se o tema do quinto congresso da

ABRALIC, seria, essencialmente, um questionamento do cânone, que, “segundo esta visão, não é uma entidade fixa, natural, mas uma construção como outra qualquer, ideologicamente marcada e sujeita a interesses de ordem eminentemente política” (COUTINHO, 1999, p. 55). De fato, a própria literatura se perceberia como conjunto de obras selecionadas por juízos de valor historicamente variáveis e determinados por ideologias que definem mais que apreciação estética individual; definem a naturalização ou invisibilização das condicionantes pelas quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre os outros (EAGLETON, 2006, p. 24). Sob essa ótica, o cânone passaria a ser percebido como “mutável e inteiramente dependente do olhar que lhe dá forma” (COUTINHO, 1999, p. 55). Se esse olhar tiver como referencial a antiga matriz europeia e patriarcal, incluirá apenas obras produzidas pela elite intelectual educada na Europa, excluindo toda a produção que não se encaixa nesse modelo (COUTINHO, 1999, p. 55).

Por outro viés, o “discurso das minorias revela a ambivalência que estrutura o movimento *equivocal* do tempo histórico” (CARVALHAL, 1997, p. 297) e abre os caminhos para abordagens de literatura para diálogos com os estudos culturais, decoloniais e de gênero. Assim, as atenções das pesquisas comparatistas voltavam-se às literaturas de minorias, às outriedades culturais, às margens e travessias da cultura, aos espaços do povo, às diferenças e às invisibilizações. No Brasil, desde 1965, por força da Lei nº 4.881-A, a pesquisa científica é atribuição das universidades –é possível, portanto, sugerir que, em nosso contexto, pesquisa e ensino de literatura (con)fundem-se. Desse modo, as pequenas revoluções testemunhadas nos congressos sugerem um ensino de literatura e a conseqüente formação de novos/as docentes mais sensíveis às temáticas impulsionadas pelos estudos culturais. Recorrendo, uma vez mais, à lembrança de Eneida Maria de Souza, em seu discurso de agradecimento pelo prêmio Tania Franco Carvalhal:

A realização de congressos com um número vultoso de participantes deve ser comemorada como uma das maiores conquistas para o avanço dos estudos de literatura no Brasil. É importante ainda assinalar a criação de linhas de pesquisa centradas nos estudos de gênero, como os feministas, LGBTQIA+, étnicos, negros, identitários, entre outros, como decorrência da abertura política no Brasil, no final dos anos 1970, e a retomada dos estudos de literatura comparada no país. As mudanças de rumos do perfil dos discursos literários tiveram ainda o impulso do surgimento dos estudos culturais, por meio dos quais a cultura foi integrada às pesquisas como componente imprescindível ao seu desenvolvimento. (SOUZA, 2021, s/p)

Desvelar as invisibilizações dos cânones é um ato político, como toda militância em prol da educação de qualidade e da pesquisa, únicos compromissos capazes de projetarem o Brasil como país moderno e desenvolvido. Como presidenta da ANPOLL, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, entre 1990 e 1992, Tania Carvalhal teve de alçar voz em defesa do investimento em pesquisas em Letras, área atenta à linguagem que impregna todas as demais áreas (CARVALHAL, 1992, p. 4). E precisou fazê-lo justamente durante as crises do governo de Fernando Collor que, entre vários atos controversos, havia extinto a CAPES por medida provisória. Para além disso, em texto publicado no espaço livre da *Zero Hora* de 29 de maio de 1992, Tania Carvalhal denunciava a “ausência de um projeto político que ampare o crescimento científico no país” (CARVALHAL, 1992, p. 4), caracterizado pelo desmonte da pós-graduação, não reposição de aposentadorias, desmantelamento de laboratórios e grupos de pesquisa consolidados, evasão de cientistas para o exterior e outros

fatores (CARVALHAL, 1992, p. 4). O cenário descrito por Tania Carvalhal em 1992 não é muito diferente do atual. Em seu tempo, ela defendeu as associações que encabeçou com as formas e meios de que dispunha, e assim ensinou às gerações que a sucederam como dar prosseguimento à boa luta.

Três décadas depois desse evento, quando a presidência da ABRALIC retornava à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a que se pode chamar de terceira geração de comparatistas, ou seja, aquela que foi formada por docentes do primeiro grupo de orientações de Tania Carvalhal, precisaria rearticular-se ante novos e sucessivos ataques à pesquisa e ao ensino no Brasil. A gestão da ABRALIC para o biênio 2020–2021 precisou enfrentar a imprevisibilidade de uma pandemia juntamente com um cenário “que muitos reconduzem ao universo político-cultural do fascismo dentro de um Estado formalmente democrático” (GRILLINI; COROSSACZ, 2021, pp. 7-8). Sucessivos cortes orçamentários e golpes contra a autonomia universitária são apenas o retrato público e oficial. Para além disso, foram frequentes os discursos de descrédito contra a pesquisa desenvolvida no Brasil, especialmente nas ciências humanas e sociais.⁴ As associações acadêmicas permaneceram como pilares do pensamento científico e democrático em uma sociedade convulsionada. O *site* da ABRALIC na internet tornou-se um mural de sucessivas notas de repúdio e de pesar, lamentando a partida precoce de notáveis, como Alfredo Bosi, perdido para a COVID. Porém, mesmo antes do isolamento físico imposto pelas condições sanitárias, que desaconselhava reuniões presenciais, os encontros acadêmicos vinham sendo ameaçados, como denunciava uma nota de repúdio publicada em janeiro de 2020 (ABRALIC, 2020), assinada por seis associações brasileiras da área de Letras. Dirigia-se o repúdio contra uma Portaria do MEC que visava a obstaculizar a participação em eventos científicos sob o argumento de que competiria ao Ministério da Educação a autorização de docentes para “deslocamento dentro do território nacional” (art. 7º da Portaria 2.227/2019), mesmo quando não houvesse pagamento de nenhum tipo de ajuda de custo. Era evidente a intenção ministerial de cercar o direito de reunião de “homens e mulheres que escolheram dedicar suas vidas à produção e à transmissão de conhecimentos” (ABRALIC, 2020). Como clamou Regina Dalcastagnè, em outra nota publicada no site da ABRALIC, “o objetivo deles é eliminar historiadores, sociólogos, cientistas políticos, filósofos, antropólogos, artistas, linguistas, críticos literários da vida nacional” (2020). Por outro lado, se há ataque, é porque há força. As reuniões de pesquisadores/as sempre atuaram como verdadeiras células de resistência ante os discursos e as práticas anticientificistas e autoritárias. Não seria diferente com a ABRALIC, que reinventou instrumentos de contatos virtuais para preservar a troca de ideias e seguiu pulsante.

As alianças estabelecidas, os apoios e as redes de solidariedade forjadas pelas vias das associações extrapolam o cenário brasileiro, preservam os diálogos e os intercâmbios e permitem resistir mesmo em uma conjuntura não favorável nacionalmente. E muitas dessas bases foram iniciadas por Tania Carvalhal. Para além da ABRALIC, ela foi a primeira latino-americana a exercer a presidência nos mais de cinquenta anos de existência da AILC/ICLA, a Associação Internacional de Literatura Comparada (COUTINHO, 2006). Essa era a função que ela ocupava quando a morte a assaltou demasiadamente cedo. Também fundou o Comitê de Estudos Latino-Americanos no âmbito da AILC/ICLA, “que esteve sob sua coordenação por vários anos” (PEDROSO JR., 2016, p. 182) e colaborou para a criação de outras associações comparatistas nacionais, tais como a argentina, a uruguaia e a peruana (COUTINHO, 2006) – isso sem contar “a organização de congressos, colóquios e seminários com o objetivo de reunir

⁴ Uma síntese das perseguições e ameaças a pesquisadores/as pode ser encontrada no artigo de Grillini e Corossacz (2021).

pesquisadores do continente latino-americano para discutir questões relacionadas à Literatura Comparada” (PEDROSO JR., 2016, p. 182). Todas essas associações objetivando congregar pesquisas e intercambiar ideias podem ser referidas como o legado mais transformador de Tania Carvalhal, que apostou na (re)união como a base da força de uma área de estudos. Se discutir literatura não fosse um ato revolucionário, não seria alvo de ataques; e se os laços entre colegas não fossem fortes, a área teria esmorecido. As gerações presentes souberam ler as lições da grande dama comparatista e resistir, latino-americanamente.

3 A crítica da literatura latino-americana nos séculos XX e XXI

Este ponto aborda o legado de Tania Carvalhal para a crítica que se reivindica comparatista e latino-americana, enfocando na sua produção bibliográfica. Segundo o currículo Lattes de Tania Carvalhal, ela é autora, organizadora ou editora de 31 livros publicados, além de autora de 75 capítulos de livros, 44 artigos completos publicados em periódicos e 20 textos em jornais de notícias ou revistas. No entanto, como abordaremos a seguir, esses números podem não representar a totalidade da produção bibliográfica de Tania Carvalhal. Consultas à Hemeroteca Digital Brasileira obtiveram ao menos dois resultados de publicações em jornais anteriores aos anos 1980 com sugestões de livros que a relacionam como autora ou organizadora, mas não estão elencados no seu Lattes. Haja vista que o estabelecimento da plataforma Lattes data de agosto de 1999 (segundo o CNPq) e a produção bibliográfica de Tania Carvalhal é, de fato, muito vasta, não é de se descartar que ela não tenha sido inteiramente registrada no Lattes.

Sobre a produção ensaística de Tania Carvalhal, Eduardo de Faria Coutinho opinou ser possível agrupá-la em duas principais vertentes: a dos “estudos sobre a natureza ou a história da Literatura Comparada e das relações da disciplina com os discursos da teoria e da crítica literárias” (2006, p. 120), e a dos “estudos comparativos de autores, obras e movimentos, bem como de textos literários e outros produtos de expressão artística ou cultural” (2006, p. 120). Neurivaldo Campos Pedroso Júnior (2016, p. 182), no entanto, atenta ao que poderia ser uma transversal às vertentes apontadas por Coutinho (2006): a importância de Tania Carvalhal para o comparatismo latino-americano por meio de teorizações que, concebidas a partir da própria cultura, ofereceram à crítica local condições para superar análises forjadas por esquemas teóricos alheios. Essas esquematizações conformam um panorama da produção de Tania Carvalhal, que precisará aqui ser resumida.

De suas pesquisas como pós-graduanda, resultariam os livros *O crítico à sombra da estante: levantamento e análise literária da obra de Augusto Meyer*, de 1976, e *A evidência mascarada*, livro de 1984, “um marco na fortuna crítica de Augusto Meyer” (COUTINHO, 2006, p. 121). Posteriormente, Tania Carvalhal selecionaria os melhores poemas de Augusto Meyer e os publicaria, em 2002, na boa companhia de sua crítica arguta, pela Global Editora. No mesmo ano de 2002, *Os pêssegos verdes* reuniria textos dispersos de Augusto Meyer publicados por ele em jornais e por ela recuperados e selecionados para publicação pela Academia Brasileira de Letras. Pouco antes de falecer, ela ainda conseguiu completar a organização, preparação do texto, prefácio e notas para os quinze livros de poemas de Mario Quintana. Publicou-os, em 2006, sob o título de *Poesia completa* pela editora das Organizações Globo, do Rio Janeiro, que havia comprado, em 1986, “o respeitável acervo de 2.830 títulos” (TORRESINI, 1999, p. 111) da antiga Editora Globo, de Porto Alegre.

Percebendo a necessidade de textos propedêuticos para a formação de jovens comparatistas, Tania Carvalhal elaborou, a convite, a obra *Literatura Comparada*, para a série “Princípios”, da Brasiliense, cuja primeira edição é de 1986. Em 1994, em conjunto com Eduardo de Faria Coutinho, publicou *Literatura comparada: textos fundadores*, resgatando textos então de difícil localização que foram selecionados e traduzidos para o português. Para além dessas duas obras, referências bibliográficas obrigatórias na formação comparatista, ela organizaria *O discurso crítico na América Latina*, de 1996; *Culturas, contextos, discursos –limiars críticos no comparatismo*, de 1999; e *Transcrições. Teoria e práticas. Textos em memória de Haroldo de Campos*, de 2004, em parceria com Lúcia Sá Rebello e Eliane Ferreira. Ainda nas décadas de 1980 e 1990, contribuiu com diversos livros, dentre os quais, para além das referidas em seu currículo Lattes, talvez⁵ devamos incluir *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*, junto com Regina Zilberman e outras (ALBUQUERQUE, 1976) e *O signo teatral: a semiologia aplicada à arte dramática*, junto com Maria da Gloria Bordini e outras (ALBUQUERQUE, 1977). Para estar-se apenas com a sua produção ensaística em livro de autoria única, destaca-se *O próprio e o alheio*, de 2003, dedicado a questões pungentes do comparatismo literário.

O próprio e o alheio, de 2003, conforma uma “coleção de ensaios da mais alta categoria e mais fina sensibilidade crítica” (COUTINHO, 2006, p. 121), marcada pelo “esforço para atingir o rigor na expressão de seu pensamento” (REBELLO, 2007, p. 51). Eduardo de Faria Coutinho (2006), um dos colaboradores mais próximos de Tania Carvalhal, recorda que ela tinha o hábito de reescrever seus textos muitas vezes, até chegar à forma definitiva. “O resultado é um ensaio poético, em que se aliam plasticidade e solidez, e que fazem da atividade do leitor uma tarefa prazerosa” (COUTINHO, 2006, p. 121). Revela-se aí a Tania Carvalhal da escrita ensaística formal (REBELLO, 2007). Ao ampliar as possibilidades de leituras, estimulando e divulgando ideias, relacionando literaturas entre si ou escrituras a outras artes, como é da prática comparatista, “Tania Carvalhal, em sua obra ensaística, interpreta a realidade e a modifica” (REBELLO, 2007, p. 51). Para tanto, ela frequentemente se valia de trechos literários como metáforas das teorias que visava a elaborar. Por exemplo: “Um homem célebre”, conto machadiano, amparou reflexão sobre originalidade, recepção e processos criativos (CARVALHAL, 2003, pp. 42-45). É de notar, contudo, a necessária diferença entre a crítica que explica a narrativa e a narrativa que serve à crítica em construção. Essa perspectiva rompe a construção de crítica como texto necessariamente acessório. Dessa forma, no entender de Lúcia Sá Rebello (2007), imaginação e criatividade constituem atributos também dos ensaios de *O próprio e o alheio*, e não só das obras literárias que eles referem, com a finalidade de envolver “o leitor num prazer estético que absorve”. (REBELLO, 2007, p. 49)

Também a crítica, afinal de contas, constitui “comunidades textuais” (CARVALHAL, 2003, p. 69) ou “leituras em vizinhança” (CARVALHAL, 1999, p. 16). São esses termos característicos do comparatismo latino-americano empregados com frequência pela comparatista gaúcha, mas que evocam parencas com as teorizações de Antonio Candido e sobretudo as de Angel Rama. Citando a este, especificamente, Carvalhal refletiria sobre a literatura, sobretudo a mais embebida da cultura popular, que transpõe com facilidade as fronteiras imaginadas pelas geopolíticas.⁶

⁵ As obras citadas a seguir foram resgatadas por meio de sugestões de leituras ou críticas publicadas em jornais inclusos na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, razão pela qual vêm acompanhadas de fonte. Elas não constam no currículo Lattes de Tania Carvalhal.

⁶ É bem possível que Tania Carvalhal não teorizasse sobre o assunto sem que o tivesse testemunhado. Lea Masina (ABRALIC, 2020), por exemplo, diria no depoimento para *Memória da ABRALIC*, que ouvia sua avó declamando,

São muitas as contribuições teóricas de Tania Carvalhal propondo que a fronteira pudesse ser celebrada; que, em vez de limites entre culturas, ela fosse compreendida como ponte que facilita a travessia. Que em vez de linha fria entre dois mundos, a fronteira pudesse ser valorizada como espaço natural da hibridização, conceito que se torna central na crítica literária latino-americana da virada do século XX para o XXI, “porque esclarece as transformações operadas e sintetiza os processos de câmbios culturais que regem as relações onde as mesclas e as interpenetrações predominam” (CARVALHAL, 2003, p. 57). E celebrar a fronteira implica ressignificar a nação. Tania Carvalhal recorre aos clássicos, como Ernest Renan, para sugerir que nação pode ser compreendida como um aglutinamento de indivíduos com muitas coisas em comum e muita capacidade de esquecer (RENAN apud CARVALHAL, 1997). Segundo ela explica, Renan refere-se a “guerras, a atos de violência, a antagonismos clássicos que obstaculizam o entendimento” (CARVALHAL, 1997, p. 295). O amálgama das nações está nos “esquecimentos”. A história, portanto, não deve ser aprendida dos discursos oficiais, mas sim “dos povos cujas histórias de marginalidade foram mais profundamente submersas nas antonímias de lei e ordem: os colonizados e mulheres” (CARVALHAL, 1997, p. 297).

A Literatura Comparada ressignificou-se como prática mediadora, ampliando a dimensão de alteridade para incluir o Outro textual, as traduções, as deformações, as transformações dos “modelos” (CARVALHAL, 2003, p. 29). Esse questionamento dos modelos e influências implicou essencialmente na ruptura com os paradigmas de inferioridade (costumeiramente atribuídos ao sul global) e de superioridade europeia. Os ensaios de Tania Carvalhal propõem romper com a “linha abissal” do pensamento colonial, para se evocar uma expressão de Boaventura de Sousa Santos (2010). Essa linha abissal, que é tão mais imponente quanto mais invisível conseguir ser, divide as sociedades *civilizadas* dos territórios coloniais, onde “não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos e subjetivos que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica” (SANTOS, 2010, p. 34). Para afrontar essa “linha abissal” que, de tão invisível, então nem sequer tinha sido batizada pelas ciências humanas, Tania Carvalhal se valia da própria literatura: “O Sul é, nesse contexto, espaço de violência e de vazio, contrapondo-se ao Norte, ao outro lado, lugar da civilização e das cidades. Recupera-se, aqui, sem dúvida, a oposição firmada por D. F. Sarmiento entre ‘civilização e barbárie’” (1998, p. 97). E transpassando teorias literárias com contos de Jorge Luis Borges e de Simões Lopes Neto com a elegância de uma comparatista acostumada ao baile, Tania Carvalhal (1998) propôs aproximar os estudos de literatura das complexas relações *Sur-Sul*, evocando o tango de Astor Piazzolla e Fernando Solanas, “Volver al sur”, como quem retorna sempre ao amor.

A crítica que se constrói a partir de Tania Carvalhal é, afinal, a que abre a literatura à pluralidade de línguas, códigos e visões de mundo. Esse novo comparatismo não se esquiva de recorrer a outras artes, nem tampouco à missão estratégica de aliançar-se com as ciências humanas para enfrentar as ameaças às identidades e culturas subalternizadas (ALÓS, 2012). Para tanto, o próprio conceito de história tem de ser refutado como categoria universal e ampliar-se às formas de conservação e transmissão do passado por parte das “culturas não ocidentais ou daquelas que transformaram suas estruturas conceituais depois do encontro com pessoas e instituições ocidentais” (MIGNOLO, 1993, p. 121). O conceito de literatura reformula-se a fim de romper com “o prestígio sempre exercido no continente pela palavra escrita sobre a falada, o que ocasionou violenta marginalização das culturas ágrafas de povos

à mesa, o “*Martín Fierro*”, poema argentino de autoria de José Hernández. Tania Carvalhal, natural da cidade de Rio Grande, próxima à fronteira com o Uruguai, possivelmente tenha testemunhado cenas tais. Infelizmente, porém, não localizamos memórias, entrevistas e depoimentos dela que pudessem confirmar essas sugestões.

indígenas e africanos” (COUTINHO, 1999, p. 56). Esse movimento abriu caminhos a que também a canção se consolidasse como objeto de estudo da literatura. E esse processo foi sendo naturalizado e de tal forma institucionalizado que universidades brasileiras tradicionais, como a UFRGS, passaram a incluir álbuns musicais em suas listas de “leituras” obrigatórias para processos seletivos –mesmo antes de o prêmio Nobel de Literatura ser concedido a Bob Dylan, o que ocorreu em 2016.

Enfim, as abordagens teóricas de literatura pareciam arejar conceitos, emancipavam-se da busca ansiosa por originalidade, antecipação ou dependência, e o nome de Tania Carvalhal consolidou-se como referencial crítico fundamental para a compreensão desse momento. Contudo, a teórica compreendia que sua crítica de literatura não se construía ao arrepio de dependências no plano político, militar e econômico que impactam o literário. Fenômenos globalizantes, intensificados desde a década de 1990 até 2006, ano de falecimento de Tania Carvalhal, homogeneizavam o consumo, inclusive o de cultura, e impunham uma outra espécie de “linha abissal” que, para ser rompida, precisava ser denunciada.

No ensaio intitulado “Literatura Comparada e globalização”, incluso em *O próprio e o alheio*, a teórica refletiu sobre a mundialização como um fenômeno social total. Essa totalidade penetraria as partes no seu âmago e traria como paradoxo à mundialização a crescente afirmação de particularidades. Carvalhal (2003) ponderava, a partir dessa constatação, que a redução do mundo resultante dos processos de globalização não o homogeneizaria; as diferenças continuariam a se afirmar. Isso a história confirmou –os processos homogeneizantes ocorrem, mas as tensões deles decorrentes estouram em novas rupturas. Tania Carvalhal chegou a testemunhar a consolidação da Comunidade Europeia de moeda única e de fronteiras transformadas. Não veria, mas poderia antecipar a existência de movimentos como a declaração de independência da Catalunha e o *Brexit*, como ficou conhecida a saída da Grã-Bretanha da Comunidade Europeia –isso para estar-se apenas com exemplos europeus. A articulação entre particular e universal conforma, sempre, um verdadeiro paradoxo: a legitimação das diferenças implica no reconhecimento das equivalências, o que induz, contraditoriamente, a processos de articulações contingentes (CARVALHAL, 2003, pp. 59-62). Há, assim, “um *remodelamento* das relações antes determinantemente opositivas, pois os interesses comuns, quando contingentes e contextualizados, acabam por regular as relações das diferenças entre si” (CARVALHAL, 1998, p. 101). E se apenas o diferente é comparável, o comparatismo como método também se reorganiza nesse paradoxal movimento. Afinal, foi com a própria Tania Carvalhal (2003) que aprendemos que o objeto científico da pesquisa literária é menos algo material (no caso, os textos) do que o conjunto de problemas para sua abordagem.

4 Considerações finais

Entendemos que a função das considerações finais em trabalhos como este não é de repisar o que já se disse, e sim de apresentar lacunas que possam evoluir para investigações futuras. Assim, e no que tange a novas pesquisas necessárias para um panorama dos legados de Tania Carvalhal, opinamos que a crítica literária ainda deve a si mesma um estudo a compilar suas contribuições para jornais como *Zero Hora* e *Correio do Povo*, com os quais ela contribuía amiúde, assim como para publicações de fora do Rio Grande do Sul, como o *Jornal do Brasil* ou o *Suplemento Cultural do Estado de São Paulo*. A delicadeza com que a professora apresentava ao público amplo suas críticas mais acuradas é ímpar, e talvez remonte a tempos mais elegantes,

anteriores às virtualidades, quando ainda ninguém pressupunha *hyperlinks* ou se permitia sugerir sem demonstrar. A recepção da revista *Continente Sul/Sur*, lançada durante a gestão de Tania Carvalhal frente ao Instituto Estadual do Livro, e bem assim a relevância das coleções *Novos autores* e *Autores gaúchos* para a promoção da literatura local são de igual modo temas necessários para a compreensão desse sistema que se autodesignou como *literatura gaúcha*. No que se refere à construção da crítica literária latino-americana, é de observar que muitas contribuições de Tania Carvalhal e de seus contemporâneos e suas contemporâneas não sobreviveram à transposição das revistas acadêmicas do papel para o mundo digital. Recuperá-las para disponibilização ao público amplo é tarefa necessária... mas, enquanto isso não ocorre, novos trabalhos que possam conciliar discussões contemporâneas aos ensaios já clássicos da crítica latino-americana são bem-vindos para se afirmar o próprio ante o alheio.

Referências

ABRALIC. *Memória da ABRALIC*: entrevista com Gilda Neves Bittencourt. 17 set. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/CEGtZ5rMqL4>> Acesso em: 2 jan 2022.

ABRALIC. *Memória da ABRALIC*: entrevista com Lea Masina. 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UXxQgM4gmHY>> Acesso em: 2 jan 2022.

ABRALIC. *Nota de repúdio*. Disponível em: <<https://abralic.org.br/downloads/2020/nota-de-repudio-portaria-2227.pdf>> Acesso em: 2 jan 2022.

ALBUQUERQUE, P. M. de. Livros: da humana promessa. In: *Luta democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*. Rio de Janeiro, p. 6, 10 set 1976.

ALBUQUERQUE, P. M. de. Livros: o signo teatral. In: *Luta democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*. Rio de Janeiro, p. 6, 28-30 mai 1977.

ALÓS, A. P. Literatura Comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. *Organon*, Porto Alegre, v. 27, n. 52, pp. 17-42, 2012.

BERG, E. Tania Carvalhal: uma mulher de carreira na Universidade. *ZH feminina*, Porto Alegre, s/p, 29 abr 1979.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 nov 2021.

BRASIL. *Lei nº 3.071*, 1 jan 1916, que institui o “Código Civil dos Estados Unidos do Brasil”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm>. Acesso em: 15 nov 2021.

BRASIL. *Lei nº 4.881-A*, 6 dez. 1965, que “dispõe sobre o estatuto do magistério superior”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14881a.htm>. Acesso em: 15 nov 2021.

CARVALHAL, T. F. A nação em questão: uma leitura comparatista. In: SCHMIDT, R. T. (org). *Nações/narrações: nossas histórias e estórias*. Porto Alegre: Associação Brasileira de Estudos Americanos, pp. 293-301, 1997.

- CARVALHAL, T. F. *Currículo Lattes*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4116790820991036>>. Acesso em: 6 jan 2022.
- CARVALHAL, T. F. Dez anos da ABRALIC (1986-1996): elementos para sua história. *Organon*, Porto Alegre, v. 10, n. 24, pp. 1-9, 1996.
- CARVALHAL, T. F. Letras e Linguística: uma reflexão. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 4, 29 mai 1992.
- CARVALHAL, T. F. Limiares culturais: as complexas relações Sul/Sul. *Revista Iberoamericana*, Pittsburg, v. LXIV, n. 182-183, pp. 97-106, jan-jun 1998.
- CARVALHAL, T. F. O comparatismo nas fronteiras da crítica e a crítica de fronteiras. *Caderno de Letras*, Pelotas, pp. 13-24, 1999.
- CARVALHAL, T. F. Cultura e Contextos. In: COUTINHO, E. F. (org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional / teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, pp. 147-154, 2001.
- CARVALHAL, T. F. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.
- CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002 [1999].
- CNPQ. *Lattes: histórico* [história do surgimento da plataforma Lattes]. Disponível em: <<https://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/historico>> Acesso em: 2 jan 2022.
- COUTINHO, E. de F. A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina. In: CARVALHAL, T. F. (coord.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: UFRGS, pp. 50-57, 1999.
- COUTINHO, E. de F. (org.). *Fronteiras imaginadas: cultura nacional / teoria internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- COUTINHO, E. de F. Tania Carvalhal e as trilhas do comparatismo: esboço de um perfil. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 9, pp. 119-124, 2006.
- DALCASTAGNÈ, R. ABRALIC na #marchavirtualpelaciência: o que podem os estudos literários em meio a uma pandemia? Disponível em: <<https://abralic.org.br/downloads/2020/O-QUE-PODEM-OS-ESTUDOS-LITERARIOS-EM-MEIO-A-UMA-PANDEMIA-Regina-Dalcastagne.pdf>> Acesso em: 2 jan 2022.
- DAMROSCH, D. *What is World Literature?* New Jersey: Princeton, 2003.
- DINIZ, T. A produção cultural em revista: publicação Continente Sul/Sur foi lançada na capital e traça painel da cultura no Estado. *Pioneiro*, Caxias do Sul, s/p, 19 de setembro de 1996.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, N. Capitais da cultura e cidades globais. In: _____. *Globalização imaginada*. Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, pp. 153-166, 2003.
- GRILLINI, F. L.; COROSSACZ, V. R. Conflitos e resistências no Brasil nos tempos do bolsonarismo. *Confluenze*, Bologna, v. XIII, n. 1, pp. 1-31, 2021.
- MIGNOLO, W. Lógica das diferenças e políticas das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. de (orgs.). *Literatura e*

história na América Latina. Tradução de Joyce Rodrigues Ferraz. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp. 115-135, 1993.

PASKO, P. Imaginário, voz e autoria feminina na literatura: entrevista com Rita Schmidt. *Nonada*, 5 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2015/11/imaginario-voz-e-autoria-feminina-na-literatura/>> Acesso em: 6 jan 2022.

PEDROSO JR., N. C. Tania Franco Carvalhal nas trilhas do comparatismo literário latino-americano. *Raído*, Dourados, v. 10, n. 21, pp. 180-195, 2016.

PRADO, P. Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, O. *Obras completas: poesias reunidas*, v. 7. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1972.

REBELLO, L. S. A ensaísta Tania Carvalhal em O próprio e o alheio. *El hilo de la fábula: revista del Centro de Estudios Comparados*. Santa Fé, Argentina, v. 6, pp. 48-51, 2007.

RENAN, E. *Qu'est-ce qu'une Nation?* Toronto: Tapir, 1996.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (orgs). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, pp. 31-83, 2010.

SILVA, M. L. B. Para lembrar uma mestra. *Cultura* (suplemento de sábados do jornal *Zero Hora*), Porto Alegre, p. 7, 16 set 2006.

SILVA, N. do V.; BARBOSA, M. L. de O. População e estatísticas vitais. In: IBGE. *Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv37312.pdf>>. Acesso em: 2 jan 2022.

SOUZA, E. M. *Discurso de agradecimento pelo prêmio Tania Franco Carvalhal*. ABRALIC, 2021. Disponível em: <<https://abralic.org.br/noticia/eneida-maria-de-souza-discurso-agradecimento-premio/>>. Acesso em: 13 mar 2022.

TREVISAN, A. Homenagem a Tania Carvalhal. *Cultura* (suplemento de sábados do jornal *Zero Hora*), Porto Alegre, p. 7, 16 set. 2006.

TORRESINI, E. R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo; Porto Alegre: USP / UFRGS, 1999.

Recebido em: 13/03/2022

Aceito em: 29/05/2022